

“Um Feliz Natal para Todos!” (e mais feliz ainda para os citricultores brasileiros)

Quem diria... Em pleno tão divulgado “aquecimento global”, o mais famoso carrasco da citricultura Norte Americana novamente mostra suas caras. O frio voltou e com intensidade suficiente para causar perdas mais significativas. Estima-se uma queda entre 5 a 10 milhões de caixas neste primeiro evento, e as previsões para esta temporada não estão ajudando o Papai Noel citrícola para aqueles lados.

A estimativa oficial apontava para uma safra maior que o obtido no ano agrícola anterior (safra 2009/2010) que foi de 197 milhões de caixas, para algo em torno de 205 milhões de caixas na atual safra. Caso as perdas se confirmem nas próximas publicações, é possível que tenhamos uma safra menor que o obtido no ano passado. Os preços do suco registrados na Bolsa de Nova York nunca estiveram tão altos. A cotação do dia 23/12 já apontava para valores acima de U\$ 2.450,00 por tonelada. Só por curiosidade, caso houvesse algum tipo de distribuição dos lucros obtidos pelas processadoras de suco com os produtores de laranja, a caixa de laranja para os próximos contratos deveriam ser fixados a uma média de R\$ 14,85 por caixa de 40,8 kg.

Muitos produtores já devem ter mencionado: “Mas este preço já conseguimos este ano, e com uma cotação menor do suco!”. Sim, é verdade. E isto se deveu principalmente pelas perdas contabilizadas na safra 2009/2010 brasileira provocada pelo excesso de chuvas no ano agrícola passado.

Não vou falar em números para a safra brasileira, pois é algo que para mim não faz muito sentido. Não existem números oficiais confiáveis, e os que são divulgados pelos demais envolvidos no setor carecem de dados para atestar sua correlação com algum número possível de ser atingido. Falo pelo que vejo no campo, e o que vejo é uma completa indefinição do tamanho da próxima safra. Muitos pomares ainda florescem e dependerá do pegamento desta florada a definição do tamanho da safra 2010/2011 na maior parte do parque citrícola brasileiro. Para adiantar algo, as variedades precoces não estão fazendo feio e já estão apresentando mais frutos que o observado na safra anterior. A Pera do rio está completamente indefinida, com pomares acima outros abaixo do volume de frutos visualizados após o pegamento da safra passada. As tardias, como Valência e Natal estão estáveis ou um pouco acima

do observado no ano passado. Já para a Folha Murcha foi observado um pegamento excepcional.

Estas observações aliado à “rádio peão” nos dão uma noção do que se pode esperar após as derridas (estimativa de safra das Indústrias) do ano que vem, as quais muito provavelmente tenderão a ser mais tardias devido à configuração da florada deste ano. Infelizmente por enquanto a tendência é dos preços baixarem. Desde maio, fontes da Cutrale já divulgavam que a seca deste ano estimularia uma melhor florada e conseqüentemente uma safra maior para o próximo ano agrícola. Tá na cara que este tipo de notícia tem por detrás a mensagem de que os preços praticados neste ano não serão mantidos. Ainda tenho em minha cabeça o maldito custo divulgado por funcionários da Citrovia de algo em torno de R\$ 7,00 por caixa de 40,8 kg, sem nem conseguir mencionar trabalhos divulgados no Centro de Citricultura em Cordeirópolis apontando estudos nos quais o custo de produção apurado foi menor ainda. Só de me lembrar daquele dia meu sangue ferve!

No que se refere ao custo de produção vale salientar o seguinte: discussão sobre custos de produção à parte, o que realmente interessa é o quanto o produtor terá que receber pela fruta para continuar interessado em plantar laranjas. Neste aspecto é fácil perceber que a tão temida “força de manipulação” das indústrias de suco praticamente desaparece e vemos outro cenário que em minha opinião é o que predominará para os próximos períodos.

Se e somente se as indústrias remunerarem de forma suficiente o produtor, os investimentos no setor continuarão. Caso contrário o que veremos é a alocação das terras plantadas atualmente com laranjas serem utilizadas com outras culturas, a exemplo do que já aconteceu no passado na década de 90 com as regiões Norte e Noroeste do Estado de São Paulo após o aparecimento do Amarelinho (CVC). A piada na época era que CVC era a sigla de “Citrus Virando Cana”.

O “Greening”, inadvertidamente introduzido por um dos principais interessados no setor tem o poder de provocar algo semelhante. Ainda não estamos sentindo o peso de seu punho forte sobre pomares menos tecnificados, que infelizmente somam a maior parte da laranja atualmente em produção no estado. Mas com certeza veremos suas conseqüências num futuro bastante próximo. Estimo que em aproximadamente mais dois a três anos aqueles que já estavam com a água batendo em sua canela e não havia ainda acordado para o problema terão seu último respiro. E aqueles que estão se apoiando com força em tratamentos alternativos com produtos milagrosos já estarão contabilizando seus prejuízos. Só para lembrar, entre os primeiros sintomas do amarelinho e o início da erradicação em larga escala de pomares se passaram nada menos de 10 anos aproximadamente!!!

A aparente redução no número de plantas infectadas observado neste ano é muito mais conseqüência das mudanças no clima que realmente o efeito de algum possível controle desta doença. A única lição que podemos tirar destes dois últimos anos em relação à incidência de sintomas (observe bem: incidência de sintomas, não falo em número de plantas inoculadas) é de que

aparentemente anos mais chuvoso promovem o aparecimento de maior número de plantas com a doença, e que em anos de seca o número de plantas com sintoma tende a diminuir. É exatamente o contrário do que observamos em relação ao amarelinho: anos de seca promovem o aparecimento de sintomas mais severos da doença no ano seguinte.

Especulações à parte sobre possíveis inoculações e suas conseqüências, foram observadas uma maior incidência do psilídeo nos pomares entre novembro e dezembro deste ano. Se este fato irá ser seguido de um aumento na incidência de plantas com sintomas é ainda cedo para falar, porém não ficaria surpreso se ocorresse um aumento significativo no número de plantas com sintomas no segundo semestre de 2011. Infelizmente teremos que esperar para ver o que irá ocorrer.

Soa muito estranho para mim, mas nos dias de hoje a sobrevivência econômica da citricultura está muito dependente de notícias ruins. As únicas forças capazes de manter os preços em níveis que despertem o interesse são geadas mais significativa nos Estados Unidos, o que parece que irá ocorrer este ano, e um aumento na incidência do Greening, afugentando produtores e investidores.

De qualquer modo, os preços podem manter-se ainda altos para o próximo ano caso se concretizem as estimativas de ocorrência de novas geadas no hemisfério norte, que possivelmente causarão um aumento na procura de frutos para processamento. O agravamento da crise gerada pelo Greening tenderá a retirar muitos produtores do mercado devido à morte econômica dos pomares. A morte econômica sempre ocorre muito, mas muito antes da morte das plantas do pomar afetado pela doença.

Desejo um bom novo ano citrícola a todos. Vale lembrar que com técnica e persistência existirá possibilidade de vida dentro da citricultura mesmo em face destas doenças terríveis. Temam somente a cegueira de parte da cadeia produtiva que insiste em mentir, cooptar membros e insistir que o inviável é o razoável.